



UNICAMP

EVENTO: HERREWEGHE REGE BACH COM RELIGIOSIDADE

VEÍCULO: O ESTADO DE S. PAULO

DATA: 09.04.97

PÁGINA: D-5

SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA ERUDITA

Herreweghe rege Bach com

*Maestro fala sobre
música sacra do
compositor que apres
com o coro que cria*

CARLOS HAAG

A próxima semana c
santificada em São
De segunda a quart
às 21 horas, no Cultura Artí
maestro belga Philippe
weghe rege o Collegium Voc
Gand (coro e orquestra) nu
grama dedicado à música sa
Bach: a *Paixão Segundo São*
(dias 14 e 16) e as cantatas
der du Meine Seele e *Tran*
encerrando com a *Missa*
Maior (as três últimas no d

Depois de uma rápida c
como psiquiatra, Herrewegh
dou em sua cidade natal, Gan
pequeno coro com
o qual exercitou as
novas descobertas
musicológicas de
interpretação da
música antiga. Em
1969, os amadores
transformaram-se
no Collegium Voca
le de Gand, forma
do, hoje, por 16 vo
zes solistas. Com 20
anos de idade, Herreweghe
Koopman foram os primeiros
criar um Bach "autêntico".
anos de versões românticas.

Na platéia estavam Gusta
nhardt e Nikolaus Harnon
que o convidaram a particip
hercúleo projeto de gravação
tegral das cantatas de Bac
barroco em barroco, Herre
ganhou a atenção mundial
1991, a Orquestra dos Cha
Elysées, para releituras de
cos e românticos. Sua disco
atual (no selo Harmonia M
cobre de Monteverdi a Weill
sando por Schütz, Brahms



*Philippe
Herreweghe,
regente do
Collegium
Vocale de Gand:
para ele, ouvir a
'Paixão Segundo
São João' deve
ser uma
comunhão entre
os músicos,
Bach e o público*

MÚSICA ERUDITA

Rege Bach com religiosidade

Maestro fala sobre a música sacra do compositor que apresenta com o coro que criou

CARLOS HAAG

A próxima semana começa santificada em São Paulo. De segunda a quarta-feira, às 21 horas, no Cultura Artística, o maestro belga Philippe Herreweghe rege o Collegium Vocale de Gand (coro e orquestra) num programa dedicado à música sacra de Bach: a *Paixão Segundo São João* (dias 14 e 16) e as cantatas *Jesu, der du Meine Seele* e *Trauerode*, encerrando com a *Missa em Lá Maior* (as três últimas no dia 15).

Depois de uma rápida carreira como psiquiatra, Herreweghe fundou em sua cidade natal, Gand, um pequeno coro com o qual exercitou as novas descobertas musicológicas de interpretação da música antiga. Em 1969, os amadores transformaram-se no Collegium Vocale de Gand, formado, hoje, por 16 vozes solistas. Com 20 anos de idade, Herreweghe e Ton Koopman foram os primeiros a recriar um Bach "autêntico", após anos de versões românticas.

Na platéia estavam Gustav Leonhardt e Nikolaus Harnoncourt, que o convidaram a participar do hercúleo projeto de gravação da integral das cantatas de Bach. De barroco em barroco, Herreweghe ganhou a atenção mundial e, em 1991, a Orquestra dos Champs-Élysées, para releituras de clássicos e românticos. Sua discografia atual (no selo Harmonia Mundi) cobre de Monteverdi a Weill, passando por Schütz, Brahms, Mahler, Beethoven e Schoenberg.

★
Estado — Qual é o ideal do Collegium Vocale?

Philippe Herreweghe — Na Europa, há 20 anos, todo o ensino de

voz era direcionado para cantores de ópera na tradição vocal do bel canto. Não gostávamos daquilo e fomos descobrir, lendo tratados do século 18, como era feita a produção vocal e a técnica dos instrumentos, reconstruindo o passado. No estilo tradicional, o mais importante é a potência vocal e a homogeneidade dos registros. Já nós privilegiávamos os contrastes entre esses registros e, em vez da força, a flexibilidade. O mesmo vale para os instrumentos. Quando se faz Bach, é preciso trazer o texto de forma retórica. Essa é a chave da nossa interpretação.

Estado — Como se redescobre a voz do passado?

Herreweghe — Posso ter instrumentos antigos, mas não encontro vozes em museus e foi preciso fazer uma extrapolação. Além de ler tratados de técnica vocal, analisamos a sonoridade de órgãos, oboés e violinos antigos. Descobrimos a sua essência, adaptamos a voz a eles. Temos, assim, algo aproximado do que seria

a voz ideal para mesclar-se a esses instrumentos. Mas não temos a pretensão de fazer a reprodução fiel de sons de 300 anos atrás. Apenas sentimos que a música soa melhor dessa forma que com técnicas atuais. Gastamos 15 anos andando por essa terra da música antiga antes de chegarmos a uma vaga idéia de como ela era.

Estado — Hoje estamos viciados em interpretações históricas. O monopólio não é ruim?

Herreweghe — É um mercado aberto e as pessoas podem fazer escolhas. O público percebe que uma cantata de Bach fica muito mais viva se feita com instrumentos antigos e com vozes no estilo da época. A técnica tradicional dos conservatórios não consegue dar clareza à arquitetura de um moteto de Bach, certo? Outro exemplo: na

Paixão Segundo São João há muitos diálogos entre o coro e o par de flautas da orquestra. Se temos um coro muito grande, como tradicionalmente se fazia Bach, mata-se isso. Essa é a medida. O diálogo entre duas pobres flautas e 16 sopranos não é justo.

Estado — Qual a diferença entre maestros de música antiga e os convencionais?

Herreweghe — Não quero parecer pretensioso, mas os maestros tradicionais têm um repertório muito restrito. Estudam técnicas de regência, mas descuidam do repertório. Quando vou reger Mendelssohn, por exemplo, levo a experiência da música de Bach até ele, pois há uma ligação entre ambos. Pode-se dizer que somos como pessoas que viajam muito pelo mundo. Se você quer conhecer bem a Venezuela, deve antes ver a Espanha. Se se quiser conhecer Brahms, é preciso passar por Schütz. Os outros regentes não viajam.

Estado — Muitos acusam as versões históricas de só funcionarem em discos e não ao vivo.

Herreweghe — Esse pode ser um problema real, mas não há sentido em fazer no estilo antigo e se usar muitos instrumentos. Assim, em grandes salas, é mesmo difícil ouvir-se tudo. Mas o que o público perde em decibéis, ganha em clareza e articulação. Não é aquela sonoridade desconcertante que muitos querem, porém, para mim, isso não é o mais importante em música. Antes, é um aspecto primitivo dela.

Estado — Em meio a tanta pesquisa, qual o espaço para a "espiritualidade", por exemplo, na *Paixão Segundo São João*?

Herreweghe — Tentamos servir ao texto e acho que essa música não vive se não for feita religiosamente. Mas digo religião no sentido mais amplo. Não se trata de algo para entreter ou dar prazer aos ouvintes, como Rossini. Ouvi-la deve ser uma comunhão entre os músicos, Bach e o público.

